

## Introdução

*Hoje acredito que é bom que o escritor seja um estrangeiro no mundo, em todos os mundos nos quais ele se encontra. O olhar do estrangeiro é o olhar da descoberta, da surpresa, do aprofundamento. Muito enraizado no lugar, não se pode escrever verdadeiramente a respeito deste lugar. Mitifica-se. É um pouco duro ser nômade, mas, afinal, é benéfico.*  
Maryse Conde

Nas três últimas décadas, brasileiros têm migrado num fluxo crescente para países de primeiro mundo em busca de estudo, emprego e renda (Sales, 1999; Meihy, 2004). Essas pessoas são chamadas de imigrantes. Mas é nesse momento que eu começo a me fazer questionamentos. Não são as perguntas desta dissertação, mas talvez sejam um primeiro passo para o mundo no qual eu quero adentrar como “estrangeira”. A partir dos anos 80, tem início a migração de brasileiros para os Estados Unidos, já iniciada anteriormente por pessoas de países mais próximos, como México (De Fina, 2003) e outros países da América Central. Essa ocupação desordenada trouxe uma carga semântica negativa para o movimento da migração, significando mão-de-obra barata para realizar serviços desvalorizados e que requerem baixa qualificação (Oliveira, 2001:61, Santos, 2004:61).

O que é ser estrangeiro? Que significar migrar? Qual a diferença entre imigrantes ou emigrantes? Existem pontos positivos em ter sua identidade reduzida a tais categorias? Encontramos em estudos da geografia (Santos, 2004: 61-62), a definição de imigrante como a pessoa que se estabelece em país estrangeiro; emigrante como aquelas que saem de sua pátria para viver em outro país; e migrante como aquele que

muda periodicamente de lugar, região ou país. Mas acreditamos que seja muito mais que isso. Na Odisséia, Ulisses, cada vez que passa por uma terra que não é sua, é reconhecido como hóspede, forasteiro ou estrangeiro, embora seja reconhecido por todos os seus feitos heróicos. Mesmo assim, ele não faz parte daquela terra, por isso não pode ser considerado como seu “filho”. É somente após o estabelecimento dos Estados-nações (entre 1920 e 1938) que a palavra migrar passa a ser aplicada para designar a travessia entre as linhas territoriais. Como definido juridicamente, migrar é passar de um lugar (ou estado) para outro, mudar de residência, alterar-se. É justamente no verbo ‘alterar-se’ com o reflexivo, que minha dúvida foi desfeita e eu tive a convicção de que migrar não é apenas uma questão de territorialidade, mas de mudança de vida, de projetos (Velho, 1999, 2003; Pereira, 2006) e de identidade.

Chegando ao país estrangeiro, a realidade com a qual o imigrante brasileiro se depara é com a dificuldade da língua, a diferença cultural e a insegurança de estar longe de casa. Assim, inseridos nesse novo e difícil contexto, em que são estigmatizados e precisam se afirmar como indivíduo e como grupo, é necessário refletir sobre como o indivíduo reconstrói essa imagem num país estrangeiro, onde as relações com o outro e com si mesmo são reconfiguradas. Afinal, depois de tantas perdas que ele teve no caminho – já que deixou para trás família, amigos, casa, emprego, a segurança das relações com o outro –, ele precisa se afirmar de alguma forma.

Neste trabalho, buscamos fazer um estudo de caso cuja abordagem são as construções identitárias de um imigrante brasileiro de retorno dos Estados Unidos que vai em busca de especialização acadêmica a partir de entrevistas de pesquisa. Buscamos verificar a configuração de sua identidade antes de sair do país e a reconfiguração no país hospedeiro, bem como no retorno ao Brasil (Pereira, 2005), procurando destacar as identidades que ele reivindica quando em situação onde as diferenças culturais são grandes, gerando uma situação conflituosa para o imigrante.

É pertinente a este estudo analisar como, ao conviver com a cultura norte-americana durante alguns anos e voltar para o Brasil, o sujeito da

pesquisa constrói o olhar para o outro bem como o olhar para si mesmo através de suas narrativas de experiências como imigrante. Além disso, pretendemos investigar como se contrapõem essas identidades forjadas no ambiente acadêmico (aqui chamado de espaço individual) em relação ao contexto social (ou espaço do coletivo), já que, além da esfera da universidade, esse imigrante também possuía uma vida social, na qual circulam pessoas que conversam, pensam, brigam e trocam experiências, e em relação às quais o nosso informante se posiciona.

O sujeito da pesquisa é brasileiro carioca de classe média que foi para os Estados Unidos legalmente no período entre 1993 e 2003, em busca de especialização acadêmica, visando, com isso, uma oportunidade de vida melhor quando em contato com os ambientes acadêmico e social. O projeto do sujeito da pesquisa foi de formação acadêmica em Cursos de Pós-Graduação.

Nossas expectativas iniciais são de que, no espaço das relações travadas na Academia, pode haver um sentimento de sucesso por parte desse imigrante, já que deixou a segurança de seu país para ir em busca de especialização num país estrangeiro. Embora possa haver um choque cultural no comportamento acadêmico, onde há uma supervalorização da competição e do individualismo pela sociedade hospedeira, esperamos que nesse espaço nosso informante construa uma imagem positiva de si e também do outro, já que o reconhecimento vem pelo mérito (Barbosa, 1999) e esforço próprio.

Por outro lado, no espaço do grupo, onde são travadas as relações sociais entre esse imigrante e os membros da sociedade estrangeira, haveria uma reação de estranhamento causada pelas regras rígidas ao nosso olhar que regem essa sociedade, fazendo com que os brasileiros procurem refúgio na própria comunidade brasileira ou nos seus pares estrangeiros, fazendo-se valer da nacionalidade para travar laços de amizade.

Ao escolhermos o corpus, objetivamos fazer um estudo situado de como essas identidades são construídas na interação com o outro, durante a entrevista de pesquisa. Os informantes foram assim selecionados: i) pela proximidade da pesquisadora com as pessoas

escolhidas, seja por laços de amizade ou parentesco; ii) pelo interesse em investigar o porquê do crescente número de imigrantes que deixam a segurança do seu país para buscar aprimoramento em solo estrangeiro; e iii) pela contribuição que esses dados podem dar aos estudos sobre imigração de brasileiros para os Estados Unidos, que vêm trabalhando apenas com classes populares e sua relação com o trabalho, não no ambiente acadêmico.

Os pressupostos teóricos da pesquisa se situam no âmbito das histórias de vida em narrativas de experiências e nos estudos sobre identidade. Serão focalizadas, no contexto de crônicas, narrativas e explicações, as avaliações (Labov e Waletzky, 1967; Labov, 1972; Linde, 1993) e os sistemas de coerência (Linde, 1997).

A concepção teórica de identidade adotada é de ordem situada, no contexto de histórias relatadas em entrevistas de pesquisa, na relação com identidades sociais que emergem nos contextos criados pelos sujeitos da pesquisa. É através das histórias de vida (Linde, 1993, Bastos, 2005) que o indivíduo passa a reivindicar para si uma identidade que o defina positivamente, já que, ao contarmos histórias, nos inscrevemos no mundo e transmitimos nossa percepção de quem somos e de que maneira atuamos nas relações com o outro.

Para a confecção deste trabalho, utilizaremos também alguns conceitos da Sociolinguística Interacional, onde a questão da identidade tem sido discutida.

Assim, alega-se que no mundo contemporâneo, as identidades entraram em colapso, e que uma crise de identidade foi instaurada. Com o advento da pós-modernidade, o indivíduo passa de sujeito sociológico – com sua identidade formada na interação entre o “eu” e a sociedade – a sujeito pós-moderno, com sua identidade fragmentada em função das mudanças sociais e representadas pelos sistemas culturais que o rodeia (Hall, 2001).

Linde (1993) acredita que histórias de vida são construídas para expressar nosso sentido de *self*, ou seja, quem somos e como chegamos a essa forma. Porém, como seres sociais, não basta apenas ser alguém, mas fazer parte de um grupo, com o qual passamos a negociar o senso

de *self* construído individualmente para passar a ter uma identidade grupal. Essa construção do *self* vai se pautar em fatores tais como o que é esperado de mim, normas sociais e padrões culturais.

Na presente pesquisa, assumimos o pressuposto, em relação às identidades sociais, de que não há a construção de uma única identidade vivida pelo indivíduo desde seu nascimento até sua morte, e sim, múltiplas identidades, que podem ser reconfiguradas, perdidas ou substituídas durante sua vida. Segundo Hall (2001), “esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2001: 12-13).

A pesquisa estrutura-se em cinco partes. A fim de situar o leitor sobre as questões teóricas nas quais se baseia o trabalho, propomos para o capítulo 2 uma reflexão sobre: i) concepções teóricas que norteiam a pesquisa; ii) a questão identitária, incluindo a discussão sobre construções identitárias de imigrantes; iii) a concepção de narrativa e de histórias de vida. No capítulo 3, trazemos a contextualização das entrevistas, bem como alguns aspectos que norteiam a pesquisa qualitativa presente nesta investigação. Em seguida, no capítulo 4, mostraremos como as histórias são organizadas em blocos narrativos, tendo como objetivo trazer à tona as construções identitárias dos sujeitos da pesquisa. No capítulo 5, traremos as conclusões a que este estudo nos levou, retomando os pontos mais importantes aqui discutidos, com o objetivo de concluir o que nos propusemos a investigar.

Dessa forma, pretendemos investigar quais são e como são construídos os sistemas de coerência e avaliação formulados e/ou sustentados pelos imigrantes brasileiros na construção de suas identidades no contexto acadêmico, cruzamento cultural e em “situações sociais”, em suas narrativas, procurando ver como lidam principalmente com este “entre-lugar”, ou seja, ele não pode agir como brasileiro, pois não está em seu país; e não é um americano, portanto não domina as regras do grupo.